

Bilhete de liberdade

Os dias pareciam infundáveis desde que tudo aconteceu. As noites tornaram-se um tormento e teimavam em assombrar-me com as memórias daqueles tempos em que havia a sensação de que tudo estava bem. Daqueles tempos em que éramos uma das muitas famílias cuja morada transpirava paz e união apesar das dificuldades por que, por vezes, passávamos. Daqueles tempos em que sonhar ainda era possível se bem que, ultimamente, começasse a ser algo cada vez mais difícil, mais forçado.

Cada vez mais perto estava, porém, aquela chuva que silencia dezenas, centenas, milhares de vidas impiedosamente, que inunda de lágrimas pesarosas os campos e cidades e que parece escolher, estrategicamente, as piores alturas para chegar. Por todos os lados se avistavam, inconsoláveis, de olhos turvos e baços, seres desfigurados pelas circunstâncias. Alguns, desesperados, prostravam-se sobre corpos enrijecidos de familiares ou amigos a quem tinha sido violentamente roubado o maior tesouro. Outros, hirtos, adotando um silêncio sepulcral, fitavam o céu elevando as mãos como que a suplicar a mesma sorte pois preferiam partir a viver sozinhos numa terra que já não podia ser sua.

Tinha perdido tudo: família, amigos, casa, alegria, esperança. Todos sabíamos que a guerra estava próxima. A atmosfera vivida nos últimos dias estava pesada, o ar rarefeito. Inundados por uma estranha melancolia, evitávamos tocar no assunto, o que se tornava, inevitavelmente, num árduo desafio. Praticamente deixámos de falar. Armazenávamos as palavras em gavetas escondidas e bem fechadas e só as abríamos quando comunicar pelo olhar de tornava mesmo impossível.

Recordo agora com saudade e com profundo arrependimento os muitos bons dias e obrigados que ficaram suspensos e entregues à imaginação de cada um; todas as expressões de admiração e de carinho por aqueles que me deram tudo o que já não tenho e que contribuíram para que eu seja tudo o que sou.

Resta-me ainda uma inexplicável força aliada a uma enorme vontade de partir, não para onde repousam os que de mim foram afastados, mas para outro lugar onde, certamente, possa recomeçar uma nova etapa da minha vida. Foi

com uma enorme dificuldade que me afastei do local onde ainda conseguia adivinhar o que não muito antes constituíra aquilo a que chamamos casa, que, neste caso, era a minha. Se me esforçasse, ainda distinguia o espaço correspondente ao meu quarto. Se usasse a imaginação, ouvia a minha mãe chamar-nos para jantar; via com prazer a simples e pobre mesa de madeira desgastada e pelo tempo e pela utilização com farpas soltas que acariciavam com pouca ternura quem por ignorância se atrevia a tocar-lhes. Obriguei-me a não me deixar consumir por tudo o que me devorava a mente a uma velocidade alucinante. Voltei ao presente, ao agora.

Foi com estes pensamentos que comecei a caminhar, cabisbaixa, errante. Pode-se mesmo dizer que andava ao sabor do vento pois não sei com que forças sobrenaturais me deslocava em direção ao mar não sabendo, ao certo, para onde ia, mas com certezas de para onde não queria ir. Ao fim de três horas a andar sem, no entanto, sentir qualquer cansaço, reconheci um leve aroma a liberdade que me encheu de esperança e me concedeu um novo fôlego.

Já conseguia distinguir nitidamente aquele pano azul que se estendia imperfeitamente por extensos quilómetros. Via também os detalhes nele bordados a branco movendo-se com regularidade. Esquecendo tudo por que estava a sofrer, compadeci-me pela primeira vez das não poucas pessoas que, como eu, se dirigiam para a tímida fila que se formava em frente da bilheteira. Uns mais do que outros não conseguiam disfarçar a impaciência que sentiam pelo tempo de espera causado pela incompetência do funcionário que, levando já uma certa idade, não tinha a eficiência de outrora.

Pela estreita janela ao fundo da sala, por onde entrava alguma luz que não a vinda do candeeiro suspenso no teto que emitia uma radiação branca doentia, avistavam-se, alternadamente, vários botes que partiam completamente lotados, e outros que chegavam vazios, prontos para uma nova volta.

Perdi a noção das horas mas, pelo que era possível observar, a noite batia à porta e implorava para entrar. As paredes que me rodeavam, pintadas de um verde pouco usual e irritante, começavam a deixar-me à beira de um esgotamento nervoso. De tanto tempo parada a olhá-las sem escolha os meus

olhos moviam-se desordenadamente acabando por convergir e divergir vezes sem conta.

A divisão onde me encontrava estava cada vez mais vazia visto que grande parte dos que ali estavam ou conseguiram comprar um dos poucos bilhetes disponíveis ou abandonaram a fila com a esperança de que, no dia seguinte, novos botes chegassem e que o funcionário desse lugar a um qualquer jovem organizado e dinâmico.

Arrisco dizer que não fosse estar de pé e sabendo que não tinha nenhum sítio onde pernoitar teria feito o mesmo, pois sentia as minhas pálpebras mais pesadas a cada minuto que passava e já nem as conseguia controlar. Quando finalmente me encontrei frente a frente com o sujeito que me venderia não «um bilhete» mas «o bilhete», levei a mão ao bolso. Por momentos, receei que as escassas moedas que descansavam silenciosas no fundo do mesmo não chegassem, porém, eram suficientes. Pousei-as no balcão ruidosamente e em troca recebi o meu bilhete. Por um momento, deixei de ouvir as conversas alheias que de quando em vez eram abafadas pelo ruído de malas arrastadas que, tentando avisar os seus donos da incorreta utilização, riscavam o chão em sinal de protesto. Reparei nas mãos do velho homem pois, para além de suadas e com ligeiros cortes feitos pelo papel que manuseava diariamente, estavam calejadas em diversos locais e pareciam ásperas demais para um vendedor de bilhetes, levando-me assim a concluir que se não trabalhara no campo, tivera outro ofício tão ou mais exigente e desgastante. Repetiu, mais uma vez, a despedida final como fizera com todos os outros passageiros que por ele passaram antes de mim e atendeu o cliente seguinte sempre com a mesma monotonia.

Em vez de me sentir aliviada por já ter a minha viagem assegurada, dediquei-me a analisar minuciosamente o papel que me concederia uma nova vida. Passei uma vista rápida pelas palavras que me eram familiares, confirmei cuidadosamente se o destino era o correto e, subitamente, a minha atenção foi atraída por um pequeno e insignificante número -achava eu- no canto superior direito do documento impresso. Aqui estava, manuscrito, o número 40. As linhas que o compunham estavam tremidas e tudo indicava que que tivesse sido escrito à pressa por alguém que fora surpreendido por algo inesperado e urgente.

De modo discreto, verifiquei que os bilhetes das pessoas que aguardavam ao meu lado também tinham o número 40 escrito da mesma forma e calculei que fosse o número do bote que nos fora atribuído. Estas, pensativas, irrequietas, sonolentas, enérgicas, não aguentavam mais de cinco minutos sentadas, portanto, dedicavam-se a percorrer o cais e a olhar freneticamente para um lado e para o outro esperando a qualquer momento a chegada do bote.

Poucos minutos depois, a chegada de um pequeno barco com o tal número quarenta marcado na popa veio confirmar as minhas suspeitas. Posso garantir que não tinha cadeiras almofadadas com veludo vermelho, cortinados de seda ou candelabros chamativos. Muito menos estava habilmente decorado com temas marítimos em tons de azul turquesa e branco. Construído com madeira pouco resistente e iluminado por umas escassas lamparinas alimentadas a álcool que, mesmo assim, produziam um ambiente mais aconchegante que o da sala de espera, era frio e parecia prestes a ceder. Tentando ignorar o penetrante odor a petróleo libertado por outras embarcações de maior envergadura, acomodei-me num canto ainda livre esperando que nenhum dos outros passageiros decidisse iniciar uma daquelas conversas de circunstância, normalmente bastante entediantes, nas quais um dos interlocutores conta toda a sua história e o outro, um mero espectador que não necessitou de reservar lugar na primeira fila, se limita a movimentar a cabeça num só sentido como sinal de aprovação. Felizmente, nada disto aconteceu.

Partimos levando como teto um céu enfeitado com estrelas que, durante as próximas horas, seriam as nossas únicas confidentes. Entregue aos meus pensamentos, deixei-me levar sabendo que, àquele bote onde seguia, confiava uma vida vivida e toda uma outra que ansiava por mudança.